

frequências absolutas e percentuais, as variáveis contínuas foram apresentadas por média e desvio padrão (média \pm DP). A análise estatística foi realizada com o Statistical Package for the Social Science (SPSS) versão 17.

Resultados preliminares: Foram avaliados 100 usuários, sendo destes 79 eram do gênero masculino e 21 do gênero feminino, a média de idade foi de 37,6 (\pm 10,8), procedentes eram da capital do estado (75%), 72% eram solteiro (a) e 76% pacientes apresentavam escolaridade \geq 8 anos. O tipo de exposição em sua maioria foi sexual (89%). A média de anos de diagnóstico foi de 5,59 (\pm 6), 79% dos pacientes nunca abandonaram o tratamento, 91% não apresentaram comorbidades, 78% eram ex-tabagista, 42% eram etilistas social e 93% não faziam uso de drogas ilícitas. Quando a antropometria, a média da circunferência da cintura foi de 84,64 (\pm 12), quadril 98,37 (\pm 12,4) e a RQC para o gênero masculino foi de 0,92 (\pm 0,16) e para o feminino foi de 0,88 (\pm 0,14), desta forma a amostra estudada não apresentou risco cardiovasculares. A média do IMC foi de 24,721 (\pm 4,77) apresentando classificação geral normal. Quanto a CP, a média do lado direito foi de 34,9 (\pm 3,3) e do lado esquerdo foi de 34,98 (\pm 3,36), não apresentando risco de sarcopenia.

Conclusão: a caracterização da amostra é de extrema importância para observar se os pacientes estão seguindo de maneira adequada o seu tratamento e da maneira mais saudável possível.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101862>

EP 127

PIOMIOSITE POR PROTEUS MIRABILIS EM PACIENTE AIDS

Halber Felipe Macorim Alves,
Daniel Abner Caetano,
Rikeslley Lopes de Azevedo,
Laura da Cunha Ferreira,
Daniela Rodrigues da Silva Madeira,
Patricia Yvonne Maciel Pinheiro,
Michel Britz Guimarães

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

Piomiosite é uma infecção bacteriana aguda que ocorre nos músculos esqueléticos e geralmente resulta na formação de abscesso. É responsável por 4 % das internações em clínicas cirúrgicas em países com maior prevalência. Predomina no sexo masculino, na faixa etária próxima a 30 anos. A mortalidade varia de 0,89 a 23%. Indivíduos com infecção por HIV tem cinco vezes maior probabilidade de serem diagnosticados. O objetivo do trabalho foi relatar o caso de uma paciente com piomiosite extensa por germe incomum, em paciente aids. Sexo feminino, 73 anos, aids há 10 anos, em tratamento irregular com 3TC/TDF/DTG, CD4 269 e CV 548 (18/08/21). Admitida em 12/08/21 com um ano de emagrecimento, astenia e aparecimento de massa inguinal esquerda há dois meses. Tomografia computadorizada (TC) de abdome e pelve com volumosa coleção, com realce periférico pelo meio de

contraste que se estendia de T12 pelo musculo psoas esquerdo, sem plano de clivagem com a musculatura paravertebral, estendendo-se ao iliopsoas, exteriorizando-se através do subcutâneo e pele da fossa ilíaca esquerda. Há extensão da coleção para região da articulação coxofemoral esquerda com linfonodomegalias inguinais. Apresentava discreto aumento dos parâmetros inflamatórios. Feita drenagem à beira leito percutânea com colocação de dreno. Isolado *Proteus mirabilis* multissensível no material cirúrgico. BAAR negativo, geneXpert indisponível. Iniciado ampicilina-sulbactam empiricamente, mantido após isolamento do germe, com tratamento total de 12 dias. TC de controle com acentuada redução de tamanho do abscesso. Retirado dreno, paciente teve alta hospitalar em 21/09, com melhora clínica. Há poucos relatos na literatura de piomiosite causada por gram negativos, especificamente *Proteus sp.* *Staphylococcus aureus* é o agente causador em cerca de 90% dos casos na população geral. A paciente possuía como fatores de risco aids e desnutrição. Não houve trauma local, mas a paciente usava cadeira de rodas. Suas principais complicações são osteomielite (5-73%), pneumonia (11-18%) e artrite séptica (2-16%), ausentes no caso. O caso mostrou a importância do exame de imagem em pacientes aids, pois a extensão e gravidade da lesão podem ser desproporcionais ao comprometimento inflamatório do paciente. Além disso, foi possível demonstrar o sucesso terapêutico da antibioticoterapia guiada associada a drenagem de abscesso extenso, que possibilitou tempo curto de tratamento.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101863>

EP 128

PREVALÊNCIA DE HIV EM MULHERES: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS ÚLTIMOS 10 ANOS NO BRASIL

Beatriz Camargo Gazzi,
Giovanna Panegassi Peres, Julia Gória Ferraz,
Ana Flávia de Mesquita Matos,
Maria Stella Amorim da Costa Zöllner

Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, SP, Brasil

O cenário nacional, quanto ao HIV, ainda é profundamente atrelado a estigmas e sofre constantes alterações, refletidas na modificação do perfil epidemiológico das pessoas vivendo com esse vírus. No início, os coeficientes de incidência no sexo masculino eram expressivamente maiores do que feminino. Mais de 40 anos depois, os homens permanecem como os principais acometidos, embora a velocidade de crescimento da epidemia nas mulheres seja substancialmente maior. Isso se deve a uma série de fatores ligados às relações sociais de gênero, e à transposição de inúmeras construções sociais, sem o alicerce de políticas efetivas para essa população. Cabe ressaltar que o HIV em si já configura uma grave questão de saúde pública, sendo a maior prevalência em mulheres um agravamento, tendo em vista a associação com a transmissão vertical. Propõe-se avaliar a evolução temporal da prevalência de HIV em mulheres de 2010 a 2020, além da

determinação do perfil epidemiológico mais prevalente. Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo observacional, baseado em dados dos Boletins Epidemiológicos de HIV/AIDS da Secretaria de Vigilância em Saúde, além dos quantitativos populacionais, de 2010 a 2020, oriundos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Foi observado um aumento da incidência de HIV em mulheres, passando de 4,08, em 2010, para 10,69 em 2019, com ápice em 2017, de 11,84 casos por 100 mil habitantes. Contudo, evidencia-se uma abrupta diminuição da incidência em 2020, em que passou para 3,36, decorrente de uma provável subnotificação, consequente da pandemia de COVID-19. Quanto à faixa etária, nos anos observados, notou-se uma prevalência do HIV entre mulheres com 25 a 34 anos, todavia o maior aumento constatado foi na população acima de 60 anos, com crescimento de 71,05%. Acerca da etnia, entre 2010 e 2013, houve um predomínio de casos em mulheres brancas, cenário modificado entre os anos de 2014 a 2020 com prevalência de mulheres pardas. Por fim, sobre a principal via de transmissão, constata-se que apesar do contínuo predomínio da transmissão sexual, ocorreu um aumento significativo de 97,50% da transmissão vertical do HIV de 2010 a 2020. Portanto, é impossível elaborar ações de prevenção sem considerar as relações de gênero enquanto relações de poder. Dessa forma, as políticas públicas derivadas do início da epidemia precisam ser revistas e adaptadas, conferindo mecanismos efetivos e aplicáveis de prevenção e assistência para todos os públicos.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101864>

EP 129

PROMOÇÃO DO AUTOCUIDADO DE PESSOAS PORTADORAS DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Luanna Vieira Pessanha, Maria Inês Ferreira

Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto (UNIFASE), Petrópolis, RJ, Brasil

A condição da vivência com a soropositividade, ao longo do tempo, pode representar a necessidade de reelaboração dos processos de vida da Pessoa Vivendo com HIV (PVHIV) no sentido de promover melhoria na qualidade de vida, em especial aqueles relacionados às condições de autocuidado. O objetivo desse trabalho foi a criação de um instrumento informativo destinado a facilitar o autocuidado da Pessoa Vivendo com HIV (PVHIV). A metodologia utilizada foi de desenvolvimento de produto, a partir de vasta pesquisa na literatura sobre as necessidades das PVHIV, com base nas Políticas Públicas vigentes. O produto final foi uma cartilha, de caráter informativo que abordou os seguintes temas, respondendo aos seguintes questionamentos: TENHO HIV, E AGORA? QUAL A DIFERENÇA ENTRE SER SOROPOSITIVO E TER AIDS? QUAIS SERVIÇOS DE DEVO FREQUENTAR? QUANDO DEVO COMPARECER ÀS CONSULTAS? QUAIS PROFISSIONAIS DEVO PROCURAR? TUBERCULOSE? COVID-19? QUAL RELAÇÃO DESSAS DOENÇAS COM O HIV? COMO TER RELAÇÕES SEXUAIS SEGURAS? O QUE É UM CASAL SORODIFERENTE? E SE EU QUISER

TER FILHOS? COMO POSSO EVITAR A TRANSMISSÃO DO VÍRUS PARA OUTRAS PESSOAS? QUAIS VACINAS EU DEVO TOMAR PARA ME PROTEGER? O QUE DEVO SABER SOBRE O TRATAMENTO PARA O CONTROLE DO HIV? ESSES MEDICAMENTOS TÊM EFEITOS COLATERAIS? COMO DEVE SER A MINHA ALIMENTAÇÃO? POR QUE EU DEVO BEBER MUITA ÁGUA? COMO POSSO MELHORAR A DEFESA DO MEU CORPO? POR QUE A PESSOA PORTADORA DO HIV PERDE PESO? EU POSSO TOMAR MEDICAMENTOS CASEIROS? COMO CUIDAR DA MINHA SAÚDE BUCAL?. EM CASOS DE DÚVIDA, QUEM PODE ME AJUDAR? ALÉM DE MIM, QUEM DEVE SABER QUE EU VIVO COM O HIV? SOU USUÁRIO DE ALCOOL E OUTRAS DROGAS, POSSO CONTINUAR TOMANDO OS MEDICAMENTOS? POSSO PRATICAR EXERCÍCIOS FÍSICOS? QUAIS SÃO OS MEUS DIREITOS COMO PVHIV? EU POSSO SER DEMITIDO DO MEU EMPREGO POR VIVER COM O HIV? PASSO ALGUM RISCO PARA ALGUÉM DO MEU TRABALHO? E ao final: ESSE ESPAÇO É TODO SEU! ANOTE NELE TUDO O QUE ACHAR NECESSÁRIO, INCLUSIVE SUAS DÚVIDAS, PARA QUE ELAS SEJAM ESCLARECIDAS NA PRÓXIMA CONSULTA. O produto deste trabalho, além de informativo, manifesta a importância da autonomia na vida das PVHIV, buscando despertar o desejo do autocuidado. Trata-se de um importante material de apoio que poderá contribuir para a diminuição do estigma e preconceito, uma vez que esclarece que viver com HIV não torna a pessoa diferentes de ninguém, e desmistifica a ideia de isolamento, mostrando que, para ter qualidade de vida, basta saber se cuidar.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101865>

EP 130

RESISTÊNCIA TRANSMITIDA AOS ANTIRRETROVIRAIS EM PACIENTES INFECTADOS PELO HIV-1 ATENDIDOS EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA

Raizza Pinheiro Luz, Kelsen Dantas Eulálio

Instituto de Doenças Tropicais Natan Portela (IDTNP), Teresina, PI, Brasil

Introdução/Objetivo: Resistência transmitida é a presença de mutações de resistência aos antirretrovirais em pacientes virgens de tratamento. Avaliar a prevalência de resistência transmitida aos antirretrovirais em pacientes atendidos em um centro de referência em Infectologia do estado do Piauí; identificar a prevalência de resistência transmitida às classes de antirretrovirais; identificar as mutações principais e acessórias associadas à resistência antirretroviral; identificar os subtipos de HIV predominantes; descrever as características sócio-demográficas, clínicas, epidemiológicas e laboratoriais de pacientes que realizaram genotipagem pré-tratamento.

Métodos: Estudo de série de casos, observacional, descritivo e retrospectivo.

Resultados: O estudo revelou 29,6% de resistência transmitida (41,7% nas crianças e 20% nas gestantes). As gestantes apresentaram 13,3% de mutação principal para os ITRN e